

APRESENTAÇÃO

Em meio às cenas progressivas de miséria, exclusão social, silenciamento democrático, que vêm povoando a urbe brasileira, avulta, em nosso imaginário recente, a contundente imagem de Padre Júlio Lancelotti, quebrando – a marretadas – blocos de paralelepípedos instalados pela prefeitura da capital paulista nos viadutos que abrigam moradores de rua. O que o gesto do coordenador da Pastoral do Povo de Rua da Arquidiocese de São Paulo guarda de emblemático? Como uma atitude prática e inadiável em favor dos desprotegidos, que padecem com frio e fome, pode dialogar com as esferas do discurso, da arte, da política?

A filósofa Márcia Tiburi, em *Quatro passos sobre o vazio*, conjunto de breves narrativas acerca da distopia e da solidão modernas, derivadas de idiossincrasias sistêmicas, afirma: “a literatura sabe muito antes aquilo que a ciência demora séculos para provar”. Foi com o propósito de verter testemunhos transfigurados em arte e reinterpretções de conjunturas factuais no chamado *dever de memória* – o qual busca, primordialmente, a legítima restauração da história silenciada e aniquilada segundo as mais variadas versões oficiais – que a **Revista de Letras Juçara**, periódico eletrônico editado pelo curso de Letras da Universidade Estadual do Maranhão –UEMA/Campus Caxias, no seu V.05 N. 01, propôs o dossiê *Arte e resistência, catástrofe e representação*, organizado pela Profa. Dra. Luciana Barreto Machado Rezende (UnB), Prof. Dr. Douglas de Sousa (UEMA) e Profa. Dra. Ludmila Gondim (Colun- UFMA), que traz uma seleção de expressivas análises em torno do tema supramencionado.

Ao serem interrogados pesquisadores de todo Brasil quanto a expressões artísticas diversas, seja em momentos de crises humanitárias, pandemias, agravamentos sociais e acirramentos políticos seja na reflexão associada a opressões historicamente consolidadas, atualiza-se mais uma vez a matriz aristotélica da *mímesis* como reencenação do mundo e re(a)presentação da realidade.

Nesse sentido, fazem-se mais do que procedentes – e certeiras – as provocações crítico-teóricas lançadas por Alberto Pucheu, intituladas de espantografias, isto é, um certo modo de consignar o *páthos* privilegiado de espanto em escritas e linguagens, sempre no entrecruzamento poesia e filosofia, arte e política, e do que resta na conjunção “assombro, aporia e terror”.

A partir de postulados foucaultianos, o artigo “O sujeito nas relações de poder e redes de memória: testemunhos de uma ‘infância subversiva’”, de autoria de Camila Praxedes de Brito – UFPB e Francisco Vieira da Silva – UFPB, adentra os porões dos DOI-CODIs, expediente corriqueiro durante a ditadura militar brasileira, como forma de compor uma cartografia das experiências e das relações saber-poder dos sujeitos implicados na tortura. Já em “A origem como forma de superação da guerra como catástrofe, em *Se o passado não tivesse asas*, de Pepetela”, Adriano Guedes Carneiro – UFF desdobra-se sobre o conceito de Origem (*Ursprung*), segundo Benjamin, na obra do autor angolano, como forma de superação da guerra como catástrofe. Em outro ensaio, de autoria de Eduardo Prado Cardoso – ECA/USP, a tortura constitui eixo de interpretação semiótica na novela de Mauro Chaves, de 1975, *Adaptação do funcionário Ruam*, publicada em 1975 por Mauro Chaves, de acordo com Capeloa Gil e Foucault.

O dossiê ainda contempla o artigo de Victor André Pinheiro Cantuário – UNESP e Fabiana Pereira Marquesa – UNINTER, que considera a discussão e o alcance do conceito pós-moderno de “ativismo” (arte e ativismo) na formação de novos discursos e sujeitos sociais no álbum musical “Igreja Lesbiteriana, um chamado”, de Bia Ferreira, como produção de mulher preta. Em “Um homem livre, só, resta no cárcere”: *Diário da Prisão*, poemas De Ho Chi Minh”, ensaio de Yasmeen Pereira da Cunha – UFG, é expandido o estudo de literaturas de testemunho, ao se analisar a obra do poeta vietnamita, encarcerado na década de 40 pelo Partido Nacionalista Chinês, como um modo de alterar a perspectiva hegemônica da história. No artigo seguinte “Ordem”, de Leusa Araujo: violência simbólica e o insucesso da *bildung* em tempos de ditadura civil-militar”, escrito por Rafael Lucas Santos da Silva – UEM, partindo-se de Bourdieu, subverte-se, na referida obra juvenil, a categoria de *Bildungsroman*, dada a figuração da própria memória autoritária do regime político brasileiro.

Já o ensaio de Gabriel Franklin – UNB, “*Listen to my music*”: arte, resistência e conexão em ‘2112’”, analisa o quarto álbum do grupo musical canadense Rush, lançado em abril de 1976, compreendendo a canção ‘2112’ como narrativa distópica, meta-artística e multimídia, como gesto estético e política de contraposição ao sistema cultural e capitalista vigente. Em “As marcas do passado em *Cascas*, de Didi-Huberman, e em *O que os cegos estão sonhando?*, de Noemi Jaffe”, ensaio de Gong Li Cheng – UEMS, a leitura comparada das obras, cujos eixos são viagens a Auschwitz, recorreu a reflexões acerca da memória em Ricouer, Benjamin e

Gagnebin. No artigo de Priscila Karina Santos Moreno – UFMA, “O fantástico moderno na narrativa rubiniana como marca de resistência à exceção de Direito”, a potência ética-estética do conto *Botão de Rosa* (1974), de Murilo Rubião, é investigada segundo o entendimento de que a narrativa ficcional reflete a realidade social, problematizando-se a *vida nua* e o Estado de Exceção agambeniano.

Prosseguindo-se com a breve apresentação dos textos que integram o dossiê, Beatriz Schmidt Campos – UnB, no artigo “História e memória em Carolina Maria de Jesus, Maria Auxiliadora da Silva e Elza Soares” expõe criticamente a literatura, a pintura e a canção das três artistas negras, por meio de um olhar sociopolítico a partir dos contextos históricos, reafirmando-se uma memória que não se pode apagar. Em “A insurgência surrealista do teatro de Miguel Jorge: uma leitura de *O visitante* e *Os angélicos*”, de autoria de Emile Cardoso Andrade – UEG, a dramaturgia pouco (re)conhecida do autor goiano, publicada nos anos 70, é apresentada segundo os recursos de vanguarda a conformarem as experiências de opressão e violência vivenciadas no regime de exceção.

Adeilton Lima Silva – UnB no artigo “Antonin Artaud e José Saramago: caos e cosmos”, duas obras emblemáticas dos autores – *Para Acabar com o Julgamento de Deus* (1948) e *O Ano de 1993* (1975) – são analisadas do ponto de vista da necropolítica de Achille Mbembe, a partir das situações de degradação social, econômica e política, guerras e crise climática, confrontadas com o paradoxo dos avanços tecnológicos. Por fim, o dossiê é encerrado com o ensaio “Verdade artística e resistência política em Kafka e Queermuseu”, de autoria de Luciana Barreto Machado Rezende – UnB, o qual discute o avanço recente das forças conservadoras e da progressiva degradação das bases democráticas que assentam o Estado brasileiro, a partir da atualidade crítica de “O artista da fome”, de Kafka, cuja alegorização do fazer artístico e da verdade do artista se alinha à pintura *Cruzando Jesus com o Deus Shiva*, de Fernando Baril, da exposição “Queermuseu – Cartografia da Diferença na América Latina”, censurada em função de ataques de grupos religiosos e conservadores e encerrada pelo Santander Cultural em 2017, na cidade gaúcha de Porto Alegre.

Nessa perspectiva, arte (do latim *ars*, “articular”) comporta necessariamente resistência (*resistentiam*, “não sucumbir”). Reitera-se, assim, a altiva insubmissão do artista ante os agentes econômicos e políticos, admitindo-se que o campo da estética

não deve dissociar-se do tempo histórico, ancorando-se, portanto, na tríade ética, alteridade e cidadania.

Além dos artigos que constituem o Dossiê Temático, a revista Juçara traz treze artigos na Seção Livre, cujos autores/as e resumos dispomos a seguir:

Paul Aguilar Sánchez – Unb no artigo “Eu-Tu-Ele: a parábola do outro. Construção de consciência nos personagens dos Contos do Imigrante” a partir dos termos de Deleuze e Guattari como: *figura estética, percepto, afeto e bloco de sensações*, destaca a relação filosófica que guardam os Contos do Imigrante de Samuel Rawet com a construção de consciência.

O ensaio “As personagens Ângela Pralini e o Autor como importantes elementos de segmentação narrativa em Um sopro de vida (Pulsações) (1999), de Clarice Lispector”, de autoria de Andressa Thainá Lima Braz Monte – UEMASUL e Marcelo de Jesus de Oliveira – UFT, realiza uma leitura da obra de Clarice Lispector, de modo a tornar perceptível como as performances das figuras elencadas, pessoais e intrapessoais, atribuem efeitos de sentido à narrativa e, conseqüentemente, sustentam a característica primordial da literatura clariciana: *o enigmatismo*.

Kairine Adeline Ribeiro Rodrigues – IFNMG e Ana Paula Rabelo – UNILAB consideram a relevância dos abstracts entre os gêneros acadêmicos de maior circulação na comunidade científica, e por isso, realizam pesquisa intitulada “Análise sociorretórica dos *Abstracts* de graduandos em Física e Letras-Língua portuguesa em eventos científicos, em que analisam, identificam e descrevem a organização retórica dos abstracts de graduandos em Física e Letras-Língua Portuguesa.

“Célio in the sky with Diamonds: HIV/aids e morte em um poema de Angélica Freitas”, ensaio de Leandro Noronha da Fonseca – UFMS, tendo como objeto de análise um dos poemas da antologia, “Célio no céu, com toda a sorte de pedras preciosas”, escrito por Angélica Freitas, observa que o tema do HIV/aids é elaborado a partir de uma tonalidade melancólica, mas profundamente leve diante de questões “tabu” como a morte e o sexo.

Airton Santos de Souza Junior – UFAC, no artigo “A construção da identidade do “seringueiro/a acreano/a”: uma análise dos enunciados produzidos por esse sujeito”, realiza uma discussão de natureza qualitativa, valendo-se de uma abordagem documental indireta, tendo como objeto de estudo a obra “A linguagem falada no vale

do Juruá”, analisa por meio da Linguística Aplicada (LA) transdisciplinar/indisciplinar, o que os enunciados presentes numa entrevista organizada por Luisa Galvão Lessa (2002) junto a “seringueiros/as acreanos/as” podem fornecer em relação às representações construídas acerca do conjunto de práticas, identidades e cultura do/a “seringueiro/a acreano/a”.

Os pesquisadores da UFPI, Tâmara Ramalho da Silva, Tristan Nathanael Veras Pedrosa e Francisco Alves Filho, no artigo “Como doutorandos em Linguística constroem a seção “Identificação do problema de pesquisa”, analisam a seção “Identificação do Problema de Pesquisa” dos projetos de pesquisa de doutorandos em Linguística, descrevendo os passos retóricos recorrentes usados pelos produtores do gênero.

Elton da Silva Rodrigues – UFSC, no texto ““Carta a Estocolmo”: A ficção científica e a ciência sob o signo do pós-moderno”, analisa de que modo o conto “Carta a Estocolmo”, nono conto de Necrológio (1972), de Victor Giudice (1934-1997), como uma narrativa de ficção científica, conforme as propostas de Todorov (2014), Link (2002) e Seed (2011), tendo por base as teorias do pós-moderno de Lyotard (2004) e Hutcheon (1989), pode ser lido como uma crítica à ciência e às pretensões do discurso científico.

O ensaio “Valores de mundo e valores literários na poesia brasileira contemporânea”, de Bruna Ingrid Moreira Campos – UFG, realiza análise dos poemas *de meu nome agora é uma cidade devastada* (2020), de Ithalo Furtado e *Lutar é crime* (2019), de Bell Puã, a partir das noções delimitadas por Bakhtin, embasando-se no contraste que há entre ambos, construindo uma apreciação do impacto do tempo histórico e do espaço social na poesia brasileira contemporânea.

Jaciel Ribeiro Rodrigues – UEMA e Layana Kelly Pereira de Holanda – UFPI, no artigo “A construção do *ethos* em Marília de Dirceu de Tomás Antônio Gonzaga”, partem da Análise do Discurso Francesa, especificamente, a teoria de Maingueneau (2008), para destacar a construção de *ethos* da personagem Dirceu, na obra Marília de Dirceu, de Tomás Antônio Gonzaga.

No texto de Raissa Furlanetto Cardoso - Universidade de Bolonha/Itália, “*Viola-as-Fish: An Ecofeminist analysis of Twelfth Night*”, a autora propõe uma análise da protagonista da peça *Twelfth Night*, Viola, com o objetivo de demonstrar de que modo a relação desta personagem com o mundo marinho permite ampliar a interpretação do *cross-dressing*, elemento central da peça. Iniciando pela introdução da teoria

ecofeminista desconstrucionista de Val Plumwood e também discutindo de que modo a visão da Idade Moderna sobre o mundo natural é pertinente para uma análise ecofeminista.

Em uma outra leitura da obra de Shakespeare, Rubenil da Silva Oliveira – UEMA, realiza a pesquisa intitulada “Intertextualidade na Literatura: diálogos entre Machado de Assis e William Shakespeare”, entendendo a intertextualidade como as alusões e citações de textos já escritos em outras épocas, mas que foram utilizados como recurso para a formulação de novos textos, analisa as ocorrências da intertextualidade nas obras que remetem o leitor às peças shakespearianas, tendo em vista que obras como “Dom Casmurro” (1899) e o conto “A Cartomante” (1884) levam o leitor machadiano a contemplar “Otelo” e “Hamlet”, do autor inglês.

Em “Teatro e Identidade Negra: as nuances da representação identitária em *Desfuga*, de Ubirajara Fidalgo”, os pesquisadores da UEMA, Elizeu Arruda de Sousa e Ykaro Levy Marques Rosário, analisam *Desfuga*, peça escrita e encenada, inicialmente, na década de 1980, que traz um percurso conflituoso de rejeição e aceitação da identidade afrodescendente pelo protagonista do texto dramático, em que examinam as diferentes formas como a representação da identidade negra é encarada pela personagem protagonista do monólogo teatral *Desfuga*, do dramaturgo caxiense/ maranhense Ubirajara Fidalgo.

O texto “A resignificação do feminino na contemporaneidade em *Barbazul*, de Anabella López”, das pesquisadoras da UESPI, Gnaína dos Anjos Carneiro, Luana Stefanny de Sousa Lima, Tayane Fernandes dos Santos, Vivian Hellen da Silva Costa, Dheiky do Rego Monteiro Rocha, mobiliza algumas contribuições teóricas e críticas de Candido (2002), Ceccantini (2011), Bozzetto Júnior (2009), Andruetto (2012) e Zolin (2005) para analisar no conto *Barbazul* (2017), de autoria da escritora e ilustradora Anabella López, a representação da mulher na sociedade patriarcal, considerando os contextos sócio-históricos do conto clássico matriz – adaptado pelo francês Charles Perrault – e da releitura contemporânea.

Além dos artigos apresentados, a edição ainda contempla duas resenhas, a primeira delas é de autoria de Mylena Frazão da Cruz – UFMA, intitulada de “Dando voz à voz do povo”, em que a autora apresenta a obra de Carlos Piovezani *A voz do povo: uma longa história de discriminações*, segunda obra deste autor, que discute questões de Análise do discurso. A segunda resenha desta edição é “Um vômito de melancolias gargalhadas”, de Hêmille Raquel Santos Perdigão – UFOP, em que a

autora apresenta a *História que alguém me contou*, de Newton Moreno, na qual discute características do conto a partir da narrativa de um passageiro de um metrô.

Agradecemos aos muitos colaboradores de diversas instituições envolvidas nesse projeto e desejamos uma instigante e proveitosa leitura dos textos selecionados para a publicação deste número.

Profa. Dra. Luciana Barreto Machado Rezende (UnB)

Prof. Dr. Douglas de Sousa (UEMA)

Profa. Dra. Ludmila Gondim (Colun- UFMA)

Prof. Me. Ligia Vanessa Penha Oliveira (UFG-UEMA-LAMID)

Boa leitura!